



Universidade Estadual de Campinas
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
XXI Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP

O SISTEMA BANCÁRIO NA SOMBRA NO “PÓS-CRISE”

Leonardo Squarizi Simões Chagas (leonardo_squarizi@hotmail.com)
Profa. Dra. Maryse Farhi (maryse.farhi@gmail.com)
INSTITUTO DE ECONOMIA, IE – UNICAMP

Agência financiadora: Serviço de Apoio ao Estudante (SAE/UNICAMP)

Palavras-chave: Dimensionamento SBS – Reformas prudenciais – Fluxo de fundos americano

Introdução

O sistema bancário na sombra (SBS, em inglês, *shadow banking system*) é descrito pelo Financial Stability Board (FSB) como a atividade de intermediação de crédito envolvendo entidades (parcial ou totalmente) fora do sistema bancário regulado. As instituições financeiras que compõem o *shadow banking system* são os grandes bancos de investimentos independentes (*brokers-dealers*), os *hedge funds*, os fundos de investimentos, os fundos *private equity*, os diferentes veículos especiais de investimento, os fundos de pensão e as seguradoras, somando-se os bancos regionais de crédito imobiliário e as agências quase-públicas de financiamento imobiliário (Fannie Mae e Freddie Mac), no caso dos Estados Unidos. Este sistema foi uma das principais raízes da crise.

No contexto “pós-crise”, o projeto buscou discutir e avaliar o sistema bancário norte-americano através do dimensionamento do sistema bancário na sombra naquele país e da compilação e análise das iniciativas de regulação e supervisão tangentes ao SBS.

O Financial Stability Board identificou uma redução do agregado monetário do sistema na sombra. Contudo, a recente, mesmo que tímida, recuperação da atividade econômica dos EUA requer que políticas continuem sendo tomadas a fim de mitigar o risco sistêmico decorrente do SBS.

Metodologia

O desenvolvimento do projeto se deu em duas vertentes: a primeira consistiu no acompanhamento periódico do *Flow of Funds Accounts* (Fluxo de fundos) dos Estados Unidos, divulgado pelo Federal Reserve, com o objetivo de dimensionar o sistema bancário na sombra. Os números obtidos neste projeto são resultados dos agregados de ativos financeiros e passivos dos setores que compõem o SBS. A segunda foi realizada por revisão bibliográfica, incluindo *papers* acadêmicos de professores do Instituto de Economia da UNICAMP, publicações do Financial Stability Board com recomendações de políticas de supervisão e regulação e *staff reports* do Federal Reserve Bank of New York acerca do sistema bancário na sombra e das políticas adotadas nos Estados Unidos.

Resultados e Discussões

A intermediação de crédito na sombra se tornou possível pelo modelo *originate-to-distribute*, (em que o detentor dos empréstimos, através da securitização, repassa-os a diversas terceiras partes objetivando a dispersão do risco). Isso só foi possível porque instituições financeiras não reguladas aceitaram o risco dessas *securities*, em operações bastante alavancadas. A crise está diretamente ligada à incapacidade de o sistema bancário na sombra conseguir dispersar o risco para uma gama maior de investidores. O risco concentrado levou ao colapso dos preços, causando a falência de bancos e seguradoras.

A falta de supervisão e regulação representa risco para o sistema, o que ficou bastante evidente com a crise. Neste sentido, o Financial Stability Board procura orientar suas recomendações de políticas de modo a tratar os riscos provenientes de fora do sistema regulado, sem afetar fontes de financiamento não bancário que não apresentem riscos – já que a intermediação de crédito não bancária regulada é importante para a atividade econômica.

Conclusões

Por diversas razões, o dimensionamento do sistema bancário na sombra não teve resultados próximos aos números divulgados pelo Financial Stability Board e pelo Federal Reserve. Evidencia-se, assim, a complexidade desta tarefa.

Porém, foi possível avaliar as medidas que vêm sendo propostas e adotadas nos Estados Unidos. As reformas prudenciais em curso parecem estar cumprindo o papel de cercear fragilidades financeiras que ameacem todo o sistema. Devem continuar, portanto, focadas nos agentes ativos – aqueles que possam voltar a integrar o sistema bancário na sombra. Por fim, pode-se dizer que as medidas vão de encontro com as premissas apontadas por Farhi (2011) para que políticas sejam eficazes: i) abandono da visão dos princípios de governança corporativa e gestão de risco pelos bancos e ii) unificação da implementação e da execução das novas regras, avaliando o conjunto dos riscos presentes no sistema como um todo (não apenas em instituições pontuais).